

Considerações Finais

Tendo percebido *Eros* como potências de movimento, relação e geração, no diálogo *O Banquete*, especialmente no “discurso” de Sócrates, nosso objetivo, neste breve estudo, foi analisá-las à luz da *fórmula* erótica platônica sugerida por Vernant, “ $1+1=3$ ” (VERNANT, 1989, p. 164).

Como resultado, verificamos, especialmente no discurso de Sócrates, que uma determinada estrutura conceitual se repetia: o movimento erótico conduz a um tipo específico de relação que pode culminar em geração: seja na geração de um novo estado na alma daquele que experimenta a dialética, seja na produção, efetiva, de discursos ou, no plano físico, filhos.

Observamos que o que se repetia, tanto do ponto de vista da forma, quanto do conteúdo do discurso de Sócrates era justamente a *fórmula* “ $1+1=3$ ”, que pode ser traduzida como “movimento+relação=geração”. Com isso, tornamos a *fórmula* platônica de *Amor* o eixo central deste trabalho. Notamos que cada um dos seus elementos correspondia às potências de *Eros*: o movimento (1) + relação (1+1) = geração (3). O movimento erótico-filosófico (1) é uma “atividade noética” (GORDON, 2015, p. 24) que está sempre voltada para um objeto específico, próprio da alma erótica. O movimento, por estar sempre voltado para o que é belo e bom, inevitavelmente, nos leva a admitir que *Eros* é potência relacional (1+1), pois está sempre em relação com o seu objeto de desejo e amor, que inexoravelmente, é (B)belo e (B)bom. Há uma busca específica a um objeto próprio da coisa afetada por *Eros*. O movimento relacional erótico (filosófico) leva à geração (3), ou seja, a produção de um terceiro de uma relação específica (erótica) cultivada entre dois elementos ou unidades contrárias. A produção é a finalidade de toda a mobilização erótica.

A observação da estrutura apresentada permitiu dividir este trabalho em três capítulos, onde apresentamos e analisamos as potências mencionadas com base na eleição de trechos onde observávamos que uma das parcelas estava mais em evidência que as demais.

No capítulo I, buscamos apresentar, analisar e justificar, por meio do mito do nascimento de *Eros* (203a-204a8), no “discurso” de Sócrates, o movimento como aspecto primordial e fundamental às demais parcelas da *fórmula* em questão. Observamos que o movimento é a causa do início e da continuidade do processo geracional do qual *Eros*, na filosofia platônica, apresenta-se como responsável.

Além disso, verificamos que a *fórmula* “1+1=3” aplica-se ao mito, tanto do ponto de vista do conteúdo, quanto da forma, pois *Pênia*, a falta, é movimento (desorientado) a qualquer coisa que lhe satisfaça. Inferimos, desta forma, que *Pênia* representa a primeira parcela da *fórmula*. Ela é o impulso à busca (desorientada). No enredo do mito, a falta encontra *Recurso*, possuidor de tudo o que é bom e belo. O contrário da falta, *Recurso*, representa a segunda parcela da *fórmula*. Pobreza deita-se com *Recurso* e concebe *Eros*, fruto da geração e superação das causas contrárias de onde é originário. Em outras palavras, o movimento de *Pênia* provocou uma relação com *Recurso* que culminou na concepção de *Eros*.

Diferentemente de sua mãe, *Pênia*, que realizou um movimento cego em prol do seu desejo, ou necessidade, de possuir, independente do objeto a ser conquistado, *Eros* é movimento qualificado a um fim determinado. *Eros* busca um objeto específico a partir de uma falta peculiar. Vimos que a especificidade do movimento erótico está vinculada à participação de seu pai, *Recurso*. Ele é o responsável pela qualidade da busca de *Eros*. O *daimon* é movimento à posse do (B)Bom/(B)bem e do (B)belo.

Desta forma, sendo o movimento direcionado, passamos à potência analisada no segundo capítulo: relação. Se *Eros* é potência de movimento em direção ao seu objeto de *desejo/amor*, *Eros* se revela, também, como potência de relação: criador de estratégias, como nos apresentou o mito, para estar às voltas com o seu objeto de desejo e amor.

No capítulo II, constatamos que o aspecto relacional de *Eros* é oriundo de seu caráter intermediário entre opostos ou entre elementos diferentes. *Eros* faz o menos desejar o mais e a falta desejar possuir. Dado à sua natureza intermediária, por ser filho de causas contrárias, *Eros* é meio, condição de fazer acontecer em um campo específico, a alma. *Eros* desperta a alma “flechada” a buscar o que lhe falta e ao mesmo tempo o que é próprio dela.

O capítulo também destaca o diálogo como um dos produtos da relação ocasionada por *Eros*. Primeiro, buscamos analisar a potência em questão a partir da entrada de Sócrates no contexto dos discursos. Diferente dos demais convivas, Sócrates realiza o seu “discurso” pelo diálogo e não por um monólogo, como foi feito pelos demais convivas. A forma e o conteúdo, neste momento do diálogo, marcam o novo patamar epistêmico que a discussão e a obra assumem. O diálogo é o movimento necessário à ascese. O objetivo do diálogo entre Agatão e Sócrates é organizar os pontos que ficaram soltos no discurso de Agatão e, principalmente, preparar a alma de ambos

para o acesso a outro nível ontológico. Observamos que tanto no “discurso” de Sócrates, como em vários trechos do diálogo, há um “retroceder” para avançar na questão que está em pauta – a natureza de *Eros*. Sócrates poderia ter iniciado o seu “discurso” quando passaram a palavra para ele, mas é preciso retornar e preparar a alma para que ela esteja em uma determinada condição para receber e assimilar o que virá depois. Não é possível ir direto ao ponto. O movimento, neste caso, apresenta-se por um diálogo prévio à exposição de Diotima, onde serão apresentadas questões aprofundadas sobre o Amor. É pelo movimento do diálogo que foi possível acessar as almas do anfitrião e dos demais convivas e prepará-las para o que virá a seguir.

O diálogo, enquanto um movimento orientado, tem como objetivo a geração de um terceiro elemento criado, minimamente, por um par contrário de unidades. O movimento relacional produzido pela força erótica é a condição base à realização da terceira potência de *Eros*: a geração. Esta, no entanto, somente pode se efetivar, na filosofia de Platão, pela diferença. É a assimetria que garante o salto e a criação do terceiro elemento, do fruto da relação.

Neste capítulo, citamos, sumariamente, várias relações, além do diálogo, que apresentam a diferença como um dos fatores primordiais à geração. *Eros* preenche o intervalo entre os contrários: homens-deuses, amado-amante, interlocutor-condutor, discípulo-mestre, corpo-alma, sofista-filósofo, opinião-verdade, múltiplo-uno, devir-ser, irracional-racional (*epithymia-philía*), sensível-inteligível, cópias imperfeitas-modelo original, a Ideia. A relação entre diferentes (múltiplos) é imprescindível para afirmação de uma unidade (uno). *Eros* parte do “menos” para o “mais”, como afirmado antes, e logo depois retorna ao ponto de partida para continuar o seu ciclo. A própria narrativa mítica do nascimento do *daimon* demonstra que a assimetria é importante e necessária à geração: *Eros* é fruto da falta e da abundância. Por um lado, o *daimon* guarda as características contrárias de seus pais, mas por outro, *Eros* ao ser uma mistura da falta e de recursos apresenta-se como um terceiro superado perante a relação de onde é oriundo, ou seja, *Eros* não é essencialmente *Pênia* tão pouco repleto de “recursos”, mas intermediário entre os opostos que o criaram. A geração, em última instância, revela-se como a possibilidade de superação, de criação do novo diante do velho. Chegamos, finalmente, ao terceiro capítulo, *Eros* é potência geracional.

No capítulo III, nos dedicamos à potência geracional de *Eros*, com base na análise da passagem acerca dos “Mistérios Menores e Maiores” do Amor, parte

destinada à apresentação do sentido de amar e sua relação com o conhecimento.

Eros, como vimos ao longo do trabalho, é carente do que não possui. Sendo *Eros* desprovido do que é carente, apresenta-se como estrategista para conseguir o que deseja. *Eros* não almeja, contudo, qualquer objeto de desejo/amor. *Eros* deseja o que é, necessariamente, bom e belo, porque *Eros* é *amante* e saudoso do que foi desprovido primordialmente (204b), ou seja, das qualidades do pai, *Recurso*. *Eros* não tem as qualidades ofertadas por seu pai, mas que em um tempo longínquo tivera contato; por isso o *daimon* conhece o que procura e se alegra quando encontra. Diante do cenário desenhado por Diotima, observamos que o que está sempre em pauta é *Eros*, em última instância, a alma erótica, a alma amante. Com isso, a sacerdotisa distingue a natureza do *amante* da do *amado*. Uma alma erótica; isto é; mobilizada por impulsos eróticos, está sempre em busca do que não tem, mas (sabe o que) deseja possuir. Eis a alma do *amante-filósofo*, ou amante da sabedoria. *Eros* dá sentido à *philos-sophia* de Platão. *Eros* nos leva à *sophia* pela *philia*.

Diotima afirma que *Eros*, *amante* das coisas belas e boas, deseja possuí-las para ser feliz (204e). Se assim ocorre, Diotima questiona: “por que não conseguimos afirmar que todos os homens amam (*eran*), se os amantes desejam (*erosi*) a posse das coisas boas?” (205b). Diotima faz uma distinção entre um tipo particular de *Eros* que ama e deseja coisas belas e boas e se satisfaz com isso e outra espécie de *Eros*, que se encaminha para outras direções, tais como a filosofia (205d) e não se satisfaz com a mera posse, no presente, do que é bom e belo. *Eros* deseja a posse perpétua do que é bom/bem (205e). Chegamos ao vínculo entre *Eros* e geração. O alcance do objetivo da relação erótica é estabelecido pela geração, na beleza, seja ela no corpo ou na alma (206c). A posse do que se deseja eroticamente; isto é; a posse perpétua do bom/bem é viabilizada pela geração.

Diotima afirma que todos os homens são fecundos, seja para gerar no corpo ou na alma, porque quando eles atingem uma determinada idade, a natureza humana necessita procriar (206c-d). No corpo, a geração tem como produto um filho, no espírito, temos como produto da relação erótica a possibilidade de “filhos mais belos e mais imortais” (209c), como a produção de discursos, “cultivando, de preferência, os temas que contribuem para a formação dos jovens [...]” (210a-e), amados. As relações eróticas de espírito produzem conhecimento, ou seja, o acesso ao que é Bom/Bem e Belo.

A geração só tem possibilidade de acontecer na beleza, porque ela é “a parteira

da geração” (206d). A beleza atrai o “poder fecundante” para perto de si, enquanto que a feiura o repele. A alegria diante da beleza do objeto amado é explicada pelo “alívio do grande sofrimento da geração” (206e). A geração é o meio pelo qual nos imortalizamos na mortalidade de nossa existência. O amante filosófico, de fato, deseja a posse perpétua do bem, no entanto, tal posse somente é possível pela imortalização dele próprio, por meio dos “filhos imortais” gerados em uma relação verdadeiramente (filosoficamente) erótica.

Aqueles cujas forças fecundantes residem, somente, no corpo direcionam-se às mulheres para gerar filhos (de carne). Aqueles que são mais fecundos na alma do que no corpo possuem o desejo de procriar no seu par erótico, “sabedoria e [as] demais virtudes” (209a), garantem sua imortalidade pela produção de discursos, elementos fundamentais para “o governo das cidades e a organização da família” (209a). Os que são voltados para as questões da alma, após serem fecundados por pares mais experientes, seguem o seu próprio caminho, até sentirem vontade de fecundar o que aprenderam em relações anteriores, naqueles que estão iniciando a sua trajetória. Desse modo, Platão apresenta a assimetria na relação *amante-amado*, similar àquela existente na erótica tradicional grega. O amante, o homem mais experiente na relação, “convivendo com a beleza, e em contato com ela, gera e dá nascimento às coisas de que, havia muito, sua alma estava prenhe [...]” (209c).

A relação que visa fecundar na alma é comum à pederastia grega. Tanto a relação pederasta tradicional, quanto a relação entre homens e garotos proposta por Platão objetivam o cultivo e a produção de filhos mais permanentes na alma, o que não livra esse tipo de relação do desejo por prazeres sexuais. É preciso continência diante dos apetites carnis (*epithymia*) e um redirecionamento do impulso erótico a outro objeto de desejo, que não os prazeres do corpo pela relação erótica e filosófica construída entre amante e amado.

De acordo com o que foi apresentado acima, destacamos que estamos no campo das potências, o que nos leva a considerar possibilidades de realização e produção, ou não. Existe uma condição específica para que a *fórmula* se efetive. E, para chegarmos a esta condição específica, é necessário percorrer um trajeto para que gradativamente esta condição se viabilize. A conclusão (temporária) da *fórmula* só é possível quando as almas dos envolvidos na relação (amante-amado) chegam a um determinado estado. Somente neste estágio é possível encerrar um ciclo (de aprendizagens) para iniciar o próximo. O percurso erótico é evolutivo; isto é; a cada retorno ao ponto de partida do

percurso, as almas têm a oportunidade de se transformarem para um estado melhor do que os anteriores. O amado, ocupante da posição passiva na relação erótica, tem a chance de retornar como amante, depois da convivência e aprendizado com um par mais velho e mais experiente do que ele. O amante, tendo realizado e concluído o seu percurso com o amado, retorna como um amante mais experiente do que antes colaborando na formação de jovens inexperientes para o mundo adulto e masculino da *pólis*. Sempre há o que aprimorar na relação entre quem ensina e quem aprende. O processo erótico é um ciclo contínuo, cujo objetivo é a libertação (autonomia intelectual e prática) de ambas as partes envolvidas na relação. Nesta fase do percurso erótico, *Eros* transforma-se em tipo de vínculo mais sofisticado, tornando-se um desejo mais racional do que o erótico; passamos à *philia*. Nesta relação, a *philia*, por vezes traduzida como amizade, o desejo e o amor, que em um primeiro momento é direcionado a objetos sensíveis, é totalmente redirecionado ao fruto produzido na relação. O par erótico deixa de ser o alvo de desejo e passa a ser um aliado à produção e manutenção do “filho” produzido. O grau de compromisso e a reciprocidade nesta fase não podem ser igualados à relação erótica. A *philia* é o sentido de todo esforço erótico apresentado e defendido por Platão.

Sabemos que os limites deste trabalho não permitem desenvolver e alcançar de forma definitiva e conclusiva as questões pretendidas. A exposição das mesmas serve-nos, no entanto, para identificar, minimamente, a pertinência e a contribuição do referido estudo no âmbito dos pontos tratados para compreender como a erótica filosófica, apresentada no diálogo *O Banquete*, é de extrema importância para a compreensão de aspectos fundamentais à filosofia platônica, tais como o sentido filosófico do movimento, da relação e da geração e sua correspondência com os processos de aquisição da sonhada imortalidade divina em meio à da mortalidade humana real.